

5. Conclusão.

Essa tese pretendia realizar um estudo das crônicas de António Lobo Antunes expandindo suas possíveis abordagens e, principalmente, sem o uso dos romances do autor para que assim ganhassem maior potência como objeto de estudo. Agora, com sua maior disponibilidade, as crônicas de Lobo Antunes se encontram em um momento ideal para serem pensadas de forma autônoma, com focos que realcem suas qualidades sem que para isso seja necessário um ataque ao lugar dos romances na obra do escritor português.

A tese fez um esforço de entender o que o gênero crônica possibilita ao autor português que seus romances não ofertam, e o uso que Lobo Antunes faz delas é coerente e consistente. De um lado, utiliza a crônica como um laboratório de temas e motivos que ganham força em futuros projetos de romances, ou até coincidem com os romances em que Lobo Antunes trabalhava no momentos em que as escreveu. Por outro, nas crônicas Lobo Antunes pode trabalhar com um tema que se revelou, após o fichamento de todas as crônicas, central em sua cronística: as poéticas da leitura. Escrever para Lobo Antunes é ler, e ele colocou o bom leitor, o leitor cúmplice, em pé de igualdade com o escritor. Essa foi uma das descobertas da pesquisa: as crônicas não apenas como espaço de reflexão da literatura em um mundo banalizado, mas também espaço de militância pelo valor e potencial da leitura.

As crônicas também revelam, após um fichamento detalhado, uma trama secreta: elas se organizam em redor de um núcleo poético essencial, que é a formação de um escritor. Todas as crônicas, de certa forma, tentam responder essa questão, direta ou indiretamente, e de forma sofisticada por conta do narrador da cronística de Lobo Antunes, um narrador sempre consciente de que escreve, o que abre uma série de possibilidade de leituras e principalmente um riquíssimo espaço para reflexão sobre as relações entre experiência e representação da experiência.

Essa experiência é sempre cotidiana, no caso da crônica. Seja por padrões de repetições, seja pelas tensões da intimidade, Lobo Antunes em sua cronística lida com o cotidiano contemporâneo português sem jamais nomeá-lo. Se narrador focado na busca de si mesmo, marcado pela preocupação excessiva com a morte,

tem como estratégia apagar Lisboa de suas crônicas. Cria um espaço para si, um tempo fantasmal onde recebe as vozes dos mortos; mas ainda assim recebe emissários do passado recente português. Outro pesquisador poderia escolher um foco mais abertamente político. No entanto, essa pesquisa focou mais em questões de memória e representação da memória.

Existe a plena consciência de que essa tese não é definitiva em relação às crônicas de Lobo Antunes; mas pretende ser exaustiva no pouco que se propôs. É indicadora de novos caminhos de abordagens da crônica, ao menos para o próprio pesquisador. Cerca de 70 crônicas ficaram de fora do fichamento: são textos em que o narrador que encena uma escrita autobiográfica encena a voz de outros personagens. Homens, mulheres, velhos, loucos. A maior parte dessas crônicas são amorosas, e é um tema perfeito para um artigo sobre a representação do amor em uma Portugal contemporânea, construída por Lobo Antunes, em que o tédio e a repetição apagam os relacionamentos. Essas comédias amorosas, em que os delitos são pequenas traições, em sua maioria, contrastam com alguns relatos de vividez, tanto masculina quanto feminina, onde personagens descobrem que a miséria que sentiam não era inteiramente culpa de seus cônjuges finados.

Uma outra possibilidade se embrionou na pesquisa sem tomar força: a representação do feminino, principalmente nas crônicas de sua infância, onde as mulheres são uma espécie de guardiãs da moral e dos bons costumes, cuja presença parece ordenar o mundo caótico dos homens. Chama a atenção que enquanto os homens – avôs e tios e o pai – são personagens, as mulheres são sempre ideias: a religião, a moral, o casamento.

Ainda que a pesquisa da tese tenha decidido extirpar o romance de seu corpo, gerando uma situação de protagonismo para as crônicas, parece claro que um retorno aos romances após esse esforço de entender as crônicas em seus próprios termos. Chamou a atenção, por exemplo, no contraste enorme entre a Lisboa dos romances, vivaz e frenética, e a Lisboa das crônicas, fantasmal, vazia. Rastrear essa distância poderia ser um norte de pesquisa. Interessante também, contudo, é estudar como as crônicas começaram a influenciar os romances.

Sôbolos rios que vão, por exemplo, retoma cenas de várias crônicas em que o cronista narra suas férias em Nelas. Não apenas isso, pois a estrutura do romance, em que cada capítulo é um dia de internação do narrador no hospital – que é o próprio Lobo Antunes, um personagem que divide com o autor eventos

biográficos –, em que as narrativas tornam-se econômicas como as crônicas. É possível, e passível de investigação, que romances mais recentes do escritor, em que elementos de meta-narratividade são muito presentes, estão influenciados pelo narrador que Lobo Antunes criou para narrar suas crônicas. Há um crescente desleixo nos romances de Lobo Antunes, proposital e rico, que ambiciona mesmo diluir as fronteiras entre a voz do narrador inventado e um tipo de reflexão que glosa a possibilidade de ser o próprio escritor em um exercício *ex machina*, reforçando o estatuto de ficção do espaço romanesco.

A tese pretendeu encontrar respostas, e encontrou mais perguntas. Isso atesta ainda mais a qualidade da obra de António Lobo Antunes; mas também alimenta a esperança do pesquisador de ser considerado como um dos leitores “cúmplices” que Lobo Antunes tanto reclama que existem aos poucos. Existe a certeza de que outro pesquisador encontraria na mesma obra cronística *outra* obra cronista; existe a suspeita de que se essa tese fosse escrita novamente do zero, com os mesmo fichamentos e mesmos teóricos, essa escrita escorregadia e lacunar e nervosa do grande escritor português, pela força de sua imaginação e linguagem, levaria tese ter outro resultado final. Quando se lida com grandes escritores, nada é definitivo.